

REINVENTAR-SE... SEMPRE!!!

Eva Wilma - 28/10/2019

Mediador: Odilon Wagner

***Abertura:** Maria Celia de Abreu abre o evento agradecendo a presença dos palestrantes e da plateia, apresentando o projeto Reinventar-se... sempre! e o Ideac, e passa a palavra para o mediador Odilon Wagner*

Odilon: Muito obrigado, boa tarde a todos. Realmente, apresentar a Eva Wilma é chover no molhado. Todo mundo a conhece tanto! É uma das atrizes mais importantes do nosso país, com uma carreira brilhante, porque como em todos os outros lugares não basta ter talento, a gente para ter sucesso tem que ter outras coisas além do talento... e nós sabemos disso, não é (*dirigindo-se a Eva Wilma*)? São sessenta peças de teatro, mais de sessenta trabalhos em televisão, mais de trinta filmes – em sua carreira. Muitos de vocês podem lembrar... naquele trabalho... quem lembra?

Plateia: *Alô, Doçura!... (Risos).*

Odilon: *Alô, Doçura!* Entrou para o *Guinness Book* como o seriado mais longo da televisão mundial... e assim por diante. Teve papéis importantíssimos em todas as áreas em que trabalhou. Lembrando aqui rápido um que todo mundo lembra também: *Mulheres de Areia*, a primeira versão, e tantos outros trabalhos que eu tenho certeza que estão na recordação de todos vocês. Já recebeu os maiores prêmios e honrarias do teatro e da dramaturgia brasileira. Pra gente aqui, do Ideac, e para mim particularmente, estar aqui conversando com a Vivinha – Vivinha é como nós a chamamos no nosso meio, entre os amigos – estar aqui com ela é uma honra e um prazer. Porque, Vivinha, quando você estreou, em 1953, foi o ano em que eu nasci.

Eva Wilma: *Olha! (Risos).*

Odilon: Você tem de carreira o que eu tenho de vida. Então você veja a honra que eu estou aqui para mais uma vez bater esse papo com você.

Eva Wilma: Nós já formamos uma dupla aqui! Muito prazer de estar aqui com vocês, obrigada a Maria Celia pela brilhante iniciativa; sei que a maioria desta plateia é de seres pensantes e da nossa faixa etária... Bom, eu já vou dizendo, eu tenho oitenta e cinco anos. (*Aplausos*). Até hoje eu tenho essa necessidade de continuar o meu trabalho, a minha inspiração; sou contra você ficar se remendando muito, porque

vai deformando; digo isso com tranquilidade, com prazer até... já que o nosso tema é Reinventar-se... eu estou aqui à disposição de vocês para falar sobre o que quiserem

Odilon: Já que você tocou em remendar, eu vou relembrar uma frase da Liv Ullmann, uma grande atriz, que quando foi envelhecendo, foi ficando com as ruguinhas todas marcadas, bem marcadas, e ela nunca mexeu no rosto, nada, e aí perguntaram para ela: “Você não vai tirar essas rugas?” Ela falou: “Você está me pedindo para tirar aquilo que eu levei uma vida inteira para conseguir?” *(Risos)*. Evidentemente ela estava dizendo que cada ruga é um momento de vida, é uma experiência da vida dela – então, eu me lembrei dela.

Mas, já que você falou em trabalho, você é uma das atrizes mais importantes e constantes do teatro moderno brasileiro; desde que começou, acho que você não parou nunca, não é? Dizer: “Ah, vou dar uma parada...”, nunca ouvi falar disso. Você deve ter parado por meses, mas parar de trabalhar jamais.

Eva Wilma: É!

Odilon: Dizem que os atores, como os bons vinhos, vão envelhecendo e vão ficando melhores, vão ficando mais experientes, vão ficando mais... maduros. Então eu te pergunto: a nossa profissão, que permite que a gente tenha essa vivência de encarnar tantos personagens, essa experiência e esse exercício permanente de ensaios, análise de texto, de outros personagens, isso foi um fator importante para você amadurecer com saúde, com energia, com vitalidade?

Eva Wilma: Foi. E é, continua sendo.

Você falou do Vivinha. Eu sou filha de imigrantes; meu pai era alemão, nunca se naturalizou; eu tenho dupla nacionalidade; minha mãe tinha nascido na Argentina, os meus avós maternos eram judeus russos, vindos de Kiev e de Odessa. O meu apelido - Vivinha - foi o meu avô materno que deu – acho que porque desde que eu nasci já era assim assanhadinha. *(Risos)*.

Estou brincando, mas, eu sempre tive vontade de me expressar; desde os tempos de escola. Uma coisa que hoje em dia eu ando defendendo com força e veracidade: na minha época de primário e de ginásio tinha aula de canto e de música; nós tínhamos canto orfeônico a duas e três vozes; eu me lembro do maestro, maestro Izzo, me lembro, até hoje, das músicas, com as letras. É muito, muito importante isso. Tanto que hoje em dia, eu digo às vezes bem pretensiosamente, cada vez que eu vou fazer uma personagem, tem uma música dentro de mim. Mas é muito básico isso, essa inspiração, eu acho muito importante na vida de todos nós. Eu acho que ouvir música e conseguir inclusive se entregar, cantar, é muito bom.

Odilon: Em relação ao teu amadurecimento, e como a profissão te ajudou a te formar como personalidade - e essa vitalidade...

Eva Wilma: Talvez fui conduzida pelas aulas de canto orfeônico, inspirada por isso; logo eu tive vontade de me expressar fisicamente e ... minha mãe, mesmo com grandes dificuldades financeiras, nunca abriu mão das minhas aulas de piano, de canto, de violão com a Inesita Barroso (*reação da plateia: ooohhh!*). Ela foi minha primeira professora de canto, eu gosto de homenageá-la; as músicas que aprendi com ela sei todas até hoje de cor. E tenho muito prazer de cantar essas músicas, homenageando-a.

Meu pai, durante a guerra, perdeu emprego, perdeu tudo, e nunca mais se recuperou profissionalmente; isso me ensinou a ir à luta. Eu fui filha única. Minha mãe quase foi concertista de piano – não foi porque casou e, naquela época, casou tem que ficar em casa. Meu pai tocava piano de ouvido, e cantava; ele veio da Alemanha famoso por ter cantado na igreja. Eu tenho de meu pai a religiosidade católica e gosto de cantar. Eu cantei na igreja também.

Então essa fase musical, que eu guardo na lembrança da minha infância e começo da adolescência, é de meu pai e minha mãe se revezando ao piano e nós três cantando juntos a três vozes, e também em três línguas: português, castelhano (minha mãe nasceu na Argentina), e alemão. Hoje em dia eu posso fingir que falo alemão. (*Risos*)

Odilon: Você me confidenciou também que, apesar de gostar da música, você tinha certeza que sua profissão inicial, que você ia ser bailarina.

Eva Wilma: Exatamente, mas aí vem de novo: porque a mãe proporcionava as aulas, eu quis ir para as aulas de balé. Mas é uma coisa de toda menininha assanhadinha, que gosta de dançar, cantar, representar nas festas de fim de ano... Entre todas, eu gostava mais das aulas de balé clássico; dos nove aos dezenove eu fui me empenhando cada vez mais e cheguei ao ponto de vencer um teste muito difícil, para o Balé do IV Centenário de São Paulo; mas depois de três meses de ensaio com um coreógrafo maravilhoso, eu tive três convites: para fazer teatro, o Teatro de Arena, o primeiro da América Latina, cinema, um contrato de dois anos com a Multifilme, e televisão, chamada pelo Cassiano Gabus Mendes.

É importante lembrar esse nome, porque os dez anos de *Alô, Doçura!* foram uma escola maravilhosa que eu tive, com duas pessoas sinceramente super hiper dotadas: Cassiano Gabus Mendes, com quem aprendi os termos de humor, e Ivani Ribeiro, da qual eu fiz cinco trabalhos. Então era um diálogo, uma troca, era perfeito, aprendi muito com isso.

Não sei se estou fugindo do assunto... enfim, quando recebi o convite para teatro, cinema e televisão, escolhi este, porque oferecia dois anos de contrato, o que era a grande salvação para o dia a dia, com aquele problema do meu pai. Aí fui pedir demissão para o mestre; era um mestre húngaro, famoso no mundo; e foi difícil: ele queria saber por quê; mas eu expliquei direitinho!...

É muito engraçado porque uma grande companheira minha, por quem tenho muita admiração, a Marika Gidali, tinha entrado também para a companhia de Balé do IV Centenário...

Odilon: Marika Gidali é uma grande coreógrafa, talvez uma das maiores coreógrafas brasileiras.

Eva Wilma: Isso, ela mantém o balé dela, o Stagium, até hoje, e ensina as crianças carentes de graça (*), e formou o balé principalmente com isso. Mas aí eu, dando uma entrevista, falei: “Marika, aquela vez que eu pedi demissão...” Ela disse: “Você não lembra? Você entrou como primeira estagiária e eu entrei como aspirante, você se demitiu, eu virei estagiária!”. *(Risos)*. A gente começa a falar a mesma língua, é engraçado, não é?

() Eva Wilma refere-se ao Projeto Joaninha*

Odilon: Me diga uma coisa, Vivinha, depois de sessenta e seis anos de carreira, você pensou alguma vez, mais recentemente, passou pela tua cabeça, alguma vez você falou assim: “Vou parar”?

Eva Wilma: Nunca! Nunca! *(Risos)*.

Odilon: Nossa profissão permite que a gente trabalhe pra sempre, não é? Não tem fim, tem papéis para todas as idades.

Eva Wilma: Exatamente. É. Eu acho que todas as profissões, ou eu estou enganada? *(Manifestações da plateia, discordando)*.

Odilon: É, talvez não com a mesma facilidade. Mas olhe, vou colocar aqui uma questão que é interessante: a população brasileira vai envelhecendo; nós sabemos que daqui a poucos anos, muito poucos anos, a maioria da população vai ser idosa; idosa é o que a gente chama oficialmente acima dos sessenta anos; hoje quem tem sessenta anos é considerado idoso; muito bem, vai inverter a pirâmide; esse é um grande problema para o país, para a previdência, por isso que está todo mundo pensando no futuro, porque não vai dar para sustentar tantas aposentadorias assim... muito bem; no entanto, a dificuldade que as pessoas mais velhas encontram para emprego, para permanecer ativas, as pessoas têm sessenta, setenta, oitenta e tantos anos, e a nossa profissão demonstra isso claramente, mas como outras, advogados, médicos, trabalhando com essa idade, mas o mercado começa a encolher. Para o mercado dos atores, também começa. A gente acha: “Ah, mas você pode trabalhar em qualquer momento”. Então veja que estranho, eu queria trazer esta reflexão aqui para a gente: o mundo está envelhecendo, a população

envelhecendo, mas a dramaturgia e os personagens, tanto do teatro como da televisão, estão ficando cada vez mais infantilizados. Eles não acompanham o amadurecimento da população. Ou seja, a gente não encontra nas novelas, nos filmes, nas peças conflitos que falem mais ao nosso universo. Faltam personagens para essa faixa etária. O que você acha disso?

Eva Wilma: Eu sempre achei uma coisa natural, porque desde quando a gente é pequena e gosta de ouvir história, tem sempre a mocinha da história, o herói, o vilão... tem sempre... e eu digo assim: "Não posso mais fazer o papel da mocinha, mas tem muito papel de velhinha delicioso, que dá para fazer". (*Risos*). Talvez seja um excesso de otimismo meu; existe uma certa rejeição, existe, mas a gente luta contra ela, a gente prova que tem competência para representar tão bem quanto o mocinho e a mocinha da história.

Odilon: Eu acho que a questão da competência nem se discute; o que me chama a atenção é: se hoje nós podemos – hoje - ter um relacionamento de um casal de sessenta, setenta anos, é a coisa mais comum, as pessoas estão se casando... eu tenho casos próximos, de pessoas da minha família, que se casaram aos oitenta e tantos anos, tanto, o homem como a mulher, se reencontraram depois de muitos anos, e tal, viúvos, e tal... casaram! Isso é comum acontecer hoje em dia. Então por que não retratar esse pedaço da sociedade que está aí, pujante, vivendo, com atividades e tal, e isso na dramaturgia não aparece? Será que nós não nos acostumamos com o chamado novo velho? O velho que está aí em plena atividade?

Eva Wilma: Não sei... (*Para a plateia*): O que é que vocês acham?

Plateia: (*depois de algumas manifestações dispersas*): Acho que deveriam focar bastante isso. É uma realidade tão bonita isso que está acontecendo hoje... e não é agora, desta década... ela vem vindo, e a galope; temos que aceitar.

Eva Wilma: É uma questão de gostar da sua faixa etária, de gostar de quem você é, e procurar. Porque tem. Tem na literatura, tem em textos teatrais excelentes, e procurar, quando você vai se apaixonar novamente por um personagem e um trabalho. Mas tem, Odilon. Claro que comercialmente é mais complicado. Mas acho que dá para a gente não se preocupar sempre com isso. Já tive que me preocupar na terceira infância, na adolescência, na juventude, hoje em dia já é para não se preocupar muito com isso e se entregar a um personagem no qual você acredita e que é da sua faixa etária.

Odilon: É verdade. Mas eu sinto, eu queria saber de vocês, se sentem falta, por exemplo, de ver numa novela uma história de um amor...

Eva Wilma: Protagonizando...

Odilon: Protagonizando! E sem caricatura...

(muitas manifestações da plateia)

Eva Wilma: Protagonizar é difícil. Deixa só eu completar, desculpa, um aparte. Eu queria colocar que a minha maneira de enfrentar a minha profissão é assim. Eu gosto de fazer televisão. Eu gosto! Eu gosto de fazer cinema. Eu gosto!

Tem uma característica: o cinema pertence ao diretor, e aí você corre o risco de, num primeiro dia de filmagem, filmar a morte e a juventude...

Odilon: É porque é gravado tudo por cenário...

Eva Wilma: É uma questão econômica. O cenário é muito caro, a equipe é muito grande, então você tem que acreditar no diretor, e perceber o que é que ele está concebendo na história. Eu digo que a televisão, a tv aberta, pertence ao público, ao Ibope. Ao patrocinador. É inevitável. Agora, o teatro, pertence ao ator. Passa pelo autor, passa pelo diretor, passa por tudo, mas o ator, em teatro, em cena, é absoluto. Eu coloco sempre assim: embora eu goste de fazer um bom trabalho na televisão, no cinema, eu tenho que voltar ao trabalho teatral, porque é onde o ator está ao vivo e de corpo inteiro. Então, tudo o que eu aprendi, tudo o que me estimulou a ser atriz, é usado no trabalho teatral.

Odilon: Vivência plena, não é?

Eva Wilma: Vivência plena.

Odilon: Fazendo um paralelo com a vida: nós representamos vários papéis: pais, mães, filhos, patrões, empregados – que correspondem a personagens. E quando a gente não assume esses personagens da vida de uma maneira adequada, a gente também os representa mal. Então, o teatro tem essa coisa do ensinar como a gente representar os papéis – isso fazendo uma correlação com a vida – representar bem os papéis; é só ao vivo; não dá para você gravar e mandar uma notícia. A representação da vida é ao vivo...

Eva Wilma: Então, eu digo sempre que eu tenho um tempo; posso ficar dizendo: “Ai que sucesso aquele trabalho na televisão, ai que filme maravilhoso”... beleza, maravilhoso, mas eu tenho um tempo meu. Se eu não voltar ao exercício no espaço cênico livre – eu uso esse termo porque não precisa ser necessariamente palco, pode ser aqui, como eu estou com vocês – foi assim que eu comecei no Arena – se eu não voltar a esse exercício, eu corro o risco do meu trabalho ir cristalizando... vou fazendo maneirismos... então, tenho que voltar para a escola. O exercício do ator no espaço cênico livre, ou seja, ao vivo, de corpo inteiro, é a grande escola. Essa é a minha concepção, a minha maneira de ver; e talvez seja até por isso um pouco que eu esteja aqui: porque eu não estou representando para vocês, mas eu estou me

doando. Eu tenho certeza que vocês estão aqui para ouvir e também retribuir.
(*Aplausos*).

Odilon: Mas eu senti um clamor ali, quando a gente falou, assim: “Por que é que a gente não vê a história de um casal, um homem de setenta, uma mulher de cinquenta ou sessenta anos, protagonizando uma história; mesmo no teatro não existe muito essa possibilidade hoje”; então... (*várias falas da plateia*) - é verdade isso ou não é?

Plateia: Eu vi na Mostra Internacional de Cinema, agora, muitos filmes com idosos: brilhantes; com protagonistas idosos, temas super modernos... então, tem; a coisa está andando...

Odilon: O cinema está na frente?

Eva Wilma: Mas o teatro também...

Odilon: Nessa questão da maturidade, de utilizar personagens mais velhos protagonizando...

Plateia: Mas a Irene Ravache também está agora no teatro, com *Alma Despejada*.

Plateia: Eu acho que existe sim um público, inclusive mais jovem, carente desses papéis. Porque a gente vê aquele seriado com a Jane Fonda, e tantos outros filmes americanos de casais, há uma carência de aprender com essa vivência, que é tanto o lado de ser perseverante, como o lado da resiliência, de como lidar com a mudança; eu vejo que todos os jovens assistem, assistem seriado da Jane Fonda...

Odilon: Com prazer, não é?

Plateia: E os protagonistas são os mais velhos, os coadjuvantes são os filhos e os netos, então acho que tem um espaço, uma carência, tem público para isso.

Eva Wilma: É a questão humana, não é? É uma questão humana...

Odilon: E me diga uma coisa, Vivinha: você ainda sonha com alguma coisa, alguma peça, algum desejo profissional...?

Eva Wilma: Exatamente o que você está colocando agora. Tenho lido alguns textos com personagens da nossa faixa etária, divinos, maravilhosos. É no teatro. Isso não pode ser por exemplo na tv comercial, tv aberta, mas pode ser na especial. E no cinema também pode. Gente, acabei de rever *Central do Brasil*, (*manifestações da plateia*) ... ah! É uma coisa primorosa! Primeiro que é um cineasta fantástico, o que ele quis fazer e o que ele fez, e aí os atores, e a protagonista, com uma criança protagonista junto...

Odilon: É maravilhoso, não é? Isso é sempre uma receita que dá certo...

Eva Wilma: Exatamente.

Odilon: Agora, mudando um pouquinho de assunto. Você é uma pessoa super conectada com o mundo, super moderna no pensamento, nas ideias, os seus trabalhos são muito atuais... você é conectada com o mundo, com a internet, com redes sociais? Como é a tua relação com esse universo?

Eva Wilma: *(rindo)* Imagine... Tinha um produtor executivo teatral, que trabalhou onze anos comigo, aliás, há cinco anos atrás, com o espetáculo *Azul Resplendor*, nós fizemos setenta tournées, gente, setenta cidade... *(exclamações da plateia)*... uma loucura...

Odilon: Ou seja, quando você tinha oitenta e um...

Eva Wilma: É. Exatamente. *(risos)*.

Odilon: Ela viajou setenta cidades do país... eu digo por experiência própria, viajar é duro! A gente não para, é uma cidade atrás da outra...

Eva Wilma: Era um texto teatral que abordava justamente uma atriz nessa faixa etária, decadente entre aspas, e que definia toda a ansiedade artística, que continuava maior do que nunca. Então, esse produtor executivo maravilhoso - hoje em dia ele está morando no Rio, trabalhando com a Andréa Beltrão, e a gente continua a nossa amizade - ele ficou os primeiros dois ou três anos ali no computador, e eu tinha horror; eu ficava na porta assim: "Eu odeio essa máquina infernal..." *(Risos)*. Até o dia em que ele disse: "Então senta um pouquinho aqui". Eu sentei, e ele começou a me mostrar como que era. Agora, eu me entrego...

Odilon: Você navega na internet?

Eva Wilma: Sim. Mas o computador está meio parado. Eu pego no celular.

Odilon: Mais moderna ainda!

Eva Wilma: Eu acho que este vai ser o caminho. Não tem volta. Tenho um computador à mão, aqui no bolso. Então... nisso aí, eu procuro me atualizar. Não sou muito atualizada, mas consigo me comunicar por whatsapp, consigo ler os e-mails, passar e-mails... aí tem outras coisas que eu falo assim: "Mas o que é twitter? Vou fazer o que com twitter?" *(Risos)*.

Odilon: Mas tem certas coisas que realmente não precisam...

Eva Wilma: Aí: “Posso entrar no seu linkedin?” LinkedIn? LinkedIn pra mim é brinquedinho... *(Risos)*. Eu não sei fazer isso. Também não tenho muita vontade.

Odilon: Mas eu acho que o mais importante é a gente não ficar desconectado do mundo... que é justamente os canais de comunicação: whatsapp e e-mail. E você entra, você quer buscar qualquer coisa na internet, você digita “qualquer coisa”, e o mundo se abre à sua frente. Então, a gente que tem dificuldade, ou se nega a entrar nesse universo, por mais que seja difícil como ela falou, é só treinar um pouquinho que consegue, não é?

Eva Wilma: Exato. Aliás, eu soube que há vários geriatras aqui... por acaso eu entrei no face, e assisti uma palestra de uma geriatra sensacional... a gente vai pegando coisas importantes mesmo, aulas...

Odilon: E está vivendo o dia de hoje, está vivendo o que está acontecendo no mundo...

Eva Wilma: É. Mas o tema do nosso trabalho aqui é o ‘Reinventar-se’ – é básico para a gente enfrentar essa fase da vida. É básico você encontrar aquilo que te estimula, aquilo que te inspira, independente de um companheiro de vida, um amor; é encontrar aquilo que te interessa muito, e manter isso. *O Que Mantém um Homem Vivo...* é um texto bonito, não é? Mas é isso: a ansiedade de aprender sempre, de saber sempre, e de encontrar dentro de si o que é que te estimula.

Odilon: Você falou de um companheiro, de ter alguém junto de você... Você teve dois casamentos longos, com dois homens importantes na sua vida, um foi o John Herbert, que todo mundo conhece, e depois o Carlos Zara, outro ator também importantíssimo e diretor... hoje, como você enxerga o amor na maturidade? É uma coisa viável, é uma coisa que cabe em qualquer momento da vida...?

Eva Wilma: É mais difícil, claro. É mais difícil, mas eu acho viável. Eu acho que é só prestar um pouco de atenção... *(Risos)*. Eu estou brincando, mas é sim...

Odilon: O amor muda de forma...

Eva Wilma: É, é. A minha vida é muito interessante porque foi dividida em vinte e cinco anos do meu pai, que era o meu herói, depois mais vinte e cinco anos do meu primeiro marido, pai dos meus filhos, que era herói também, que sofreu pra caramba pra ganhar a vida, e o segundo marido, esse inclusive era super humilde...

Foi muito engraçado: quando a gente começou a imaginar que ia ter que viver juntos, porque nós não achávamos isso, mas de repente começamos a imaginar, você vem pra cá, eu vou pra lá, ele falou: “Eu não moro alugado”. *(Risos)*. Ele era muito pé no chão. A formação dele era de engenheiro e ele tinha exercido essa

profissão durante oito anos; tanto que o primeiro teatro Nydia Licia-Sérgio Cardoso foi ele quem fez; foi quando ele começou a fazer o trabalho teatral.

O Odilon gosta de falar que eu sou a *Dona Flor e Seus Dois Maridos...* (Risos). Mas tem meu pai no meio disso... (Risos). Mas é! Acho que para todas nós, mulheres, a figura do pai é muito forte, e tem a ver com o mundo forte, masculino, o braço forte que vai te conduzir... mas aí, na vida, você vai aprendendo a conduzir também... a estender o braço forte para os filhos, principalmente...

Odilon: Ela brincou com o *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, mas acho que esse é um tema muito importante, recorrente nos dias de hoje... nós vivemos mais, vivemos com saúde, não nos é permitido ter um companheiro ou companheira... porque vivemos psicologicamente ainda no tempo dos nossos avós: “Nossa, olha que velha assanhada, quer casar outra vez”...

Eva Wilma: Existe muito preconceito... muito preconceito...

Odilon: Muito preconceito... o que se passa na cabeça de uma grande parcela da população, que ainda tem essa mentalidade antiga, é que depois de uma certa idade você não tem mais sentimento, não pode criar ou desenvolver um amor...

Eva Wilma: Mentira!

Odilon: Ou se casar novamente?

Eva Wilma: Mentira! (Risos).

Odilon: Então, isso faz parte da percepção de quem são esses novos velhos no mundo de hoje, que têm direito e devem, sim, procurar o seu espaço de afeto, de amor, e se ver livre das amarras do passado...

Eva Wilma: E reconhecer que essa ausência dói. Dói um pouco sentir falta disso. É bom reconhecer, enfrentar isso tranquilamente. Não é que você está procurando, não está mais, se passar pela frente por acaso, é um acaso... (Risos).

Odilon: Com o nível de atividade que as pessoas hoje têm, é muito mais fácil encontrar um parceiro do que antigamente, não é?

Eva Wilma: É, eu acho.

Odilon: A gente está saindo, vai a lugares, viaja, o turismo faz os grupos saírem, se conhecerem, e os encontros acontecem. Esse encontro eu vou contar para você como é que foi. Quando nós estreamos a peça que a Maria Celia falou, a peça que era só com atores mais velhos, eu chamei meu irmão.

Eva Wilma: Está falando da *A Última Sessão*? Maravilhoso! Foi uma iniciativa brilhante. Parabéns.

Odilon: Da *A Última Sessão*. A peça tinha a Laura Cardoso, Ety Fraser, Miriam Mehler... Eram nove atores nessa faixa. *(Vozerio da plateia)*.

Plateia: *(referindo-se a Odilon)* Ele...

Eva Wilma *(para a plateia)*: Não, nessa ele não atuou, só dirigiu.

Odilon: Bom. Perguntei para meu irmão: “Quem você vai convidar?” Ele falou: “Minha filha, e tal, e o Dirceu e a namorada”. Dirceu era o sogro dele, médico, que estava viúvo, com oitenta e dois anos. Eu falei: “Dirceu e a namorada? *(Risos)*. Quem é a namorada do Dirceu?” Ele falou: “Eu não sei!” *(Risos)*. “Como não sabe?” “Não, eu o convidei, ele falou: vou eu e a minha namorada”. *(Risos)*. Meu irmão, minha cunhada, que é a filha do Dirceu... ninguém sabia quem era a namorada; e eles moram vizinhos. Na nossa estreia, foi a grande surpresa: quem que era a namorada do Dirceu! *(Risos)*. E já tinha quem achava que era uma sirigaita qualquer, que estava enganando o velho, e tal. Nada! Veio uma senhora com setenta e nove anos de idade, arrumadinha, bonitinha, e aí ele apresentou, para as filhas dele inclusive. Ambos ficaram viúvos. Navegaram na Internet. *(Risos)*. Conexões... Um deles pôs lá o nome de pessoas conhecidas... eles tinham sido vizinhos na cidade do interior em que moraram, se reencontraram, casaram! *(Vozerio da plateia)*. Foram namorados na adolescência. Então, veja, o mundo permite que essas coisas aconteçam hoje, sem que haja um chicote divino dizendo: “Não poode!!!!”...

Eva Wilma: Mas vai enfrentar o preconceito...

Odilon: Vai. Mas a gente tem que fazer o quê com o preconceito?

Eva Wilma: Tem que abrir a cabeça, não é? Tê-la mais aberta, se informar, ler bastante, aceitar as pessoas...

Plateia: Odilon, essa história é muito legal para você pensar como tema de um trabalho... “A Namorada do Dirceu” *(Risos)*.

Odilon: É verdade! Tem muito psicólogo aqui... quem é psicólogo? Levanta a mão quem é psicólogo *(plateia responde ao pedido)*. Está cheio de psicólogo aqui... A gente sabe que a gente é preconceituoso, porque a gente ouviu isso a vida inteira, e a gente repete padrões; na psicologia tem um lance que é muito engraçado que diz o seguinte: quando tem que jogar fora alguma coisa, fala: “liga o... dane-se!” *(risos)*. (É outra palavra, mas não vamos falar aqui)... Chega uma certa idade em que a gente não fica dando explicação: eu vivo a minha vida do jeito que eu quero e ponto final. Você acha que “ligar o dane-se” é bom?

Eva Wilma: Eu acho, eu acho. Precisa muita maturidade. Precisa muita segurança. Precisa detectar onde que é preconceito, onde existe rejeição, e se compreender, e realmente usar todos os psicólogos, todos os geriatras, para você se entender por dentro bem, para você se aceitar e enfrentar o preconceito que existe na sociedade, sem dúvida nenhuma. *(Dirigindo-se a alguém da plateia):* Diga, por favor.

Plateia: Eu acho que a maior reinvenção é justamente no amor na maturidade. É a própria reinvenção. É muito difícil. Eu tive duas experiências muito interessantes. Uma que eu namorei um rapaz trinta anos mais novo. *(Aplausos e risos)*. No entanto, ele me achava mais nova do que ele: “Você tem uma energia, você tem uma força, você sabe aproveitar os momentos, você sabe vibrar com coisas, e eu não aprendi ainda, eu quero ficar junto, eu estou crescendo, eu estou me tornando gente”. Eu desmanchei por dois problemas: eu me enchi de ser professora. *(Aplausos e risos)*.

Odilon: E o segundo?

Plateia: O segundo, eu estou vivendo agora: eu estou morando com meu ex – marido. *(risos)*. Conheço os defeitos, ele conhece os meus defeitos, mas existe uma coisa muito importante: cumplicidade e respeito. *(vozerio da plateia)*. Uma nova vivência. Vamos dizer que não é um amor carnal, óbvio, porque, realmente, acabou um monte de coisas, mas existe essa cumplicidade e companheirismo...

Odilon: Tem aí um ponto importante: preconceito; homem ter uma mulher mais nova é... garanhão, maravilhoso; mas se é a mulher que é mais velha, aí é diferente. É importante a gente saber que essas coisas acontecem, e hoje com mais liberdade. Vivinha, eu queria te perguntar, levando em conta todas essas situações do mundo de hoje, qual é o conceito de felicidade para você? ele junta todos esses pontos: família, trabalho... tem alguma coisa que para você é fundamental?

Eva Wilma: Tem uma inspiração, uma necessidade de aprender mais, uma necessidade, nesses tempos de tecnologia e de informática, de parar e mergulhar num livro, e viajar nesse livro. Isso é uma coisa muito maravilhosa, e a gente não se dá esse direito, porque saiu de moda. Estimula a criatividade, a satisfação com o mundo. E também não ligar para preconceitos estimula muito a personalidade das pessoas e estimula o se sentir satisfeita com o mundo. Lendo, você vai se encontrar naquelas páginas. Você vai dizer: “Nossa, eu sou assim!” “Não, eu sou assim...”. Acho que a inspiração é em alguma coisa que realmente te estimule a viver melhor.

Odilon: A gente tem que procurar isso. E a arte, a literatura são importantes para isso.

Eva Wilma: Está aí no tema: reinventar-se. É esse o tema. Eu nunca abandonei a música, nunca. No meu tempo de bailarina, no meu tempo de atriz, nunca abandonei. Agora, nesta fase, por exemplo, até mesmo enfrentando as dificuldades... a pergunta a que eu mais respondo hoje em dia: “Ah, mas como é que é nessa idade, te-re-te-

tê...” É simples, você tem que aprender bem com as perdas e com as dificuldades, com as fragilidades. Eu, por exemplo, como atriz, no último trabalho que fiz no teatro, falei: “Vou assumir minha bengala”. O diretor falou: “Assume aí!” Pronto!

Odilon: Você falou a palavra-chave: aprender. Aprender com a realidade, aprender com as dificuldades.

Eva Wilma: Exato, exato. O povo perguntava: “A bengala era da personagem?” Eu falava: “Era... da personagem...” (*risos*) ... Mas era da personagem e da atriz também! Não é fácil. Não é fácil, não. No caso de pessoa pública, é muito complicado, tem gente que vai olhar e dizer assim; “Olha, está vendo como ela está decaída, eu não falei? Não falei? Se mete a ser atriz, olha aí o quê que deu...” (*risos*). Ué... você tem que saber conviver com isso; com as fragilidades; até mesmo com certas rejeições. Porque acontecem. E tem que enfrentar. No meu caso de pessoa pública é difícilíssimo. Mas é possível.

Plateia: Ao longo da sua carreira profissional sempre vitoriosa, você teve alguma dificuldade por ser mulher? Você sentiu o peso do machismo?

Eva Wilma: Algumas vezes. Algumas vezes.

Plateia: Como você lidou com isso?

Eva Wilma: Um caminho é mergulhando em profundidade na análise de um texto. Infelizmente, hoje em dia isso saiu de moda, em trabalho teatral; temos gente aqui que conhece teatro também, podem confirmar que hoje em dia estão pulando o que a gente chama de trabalho de mesa. O trabalho de mesa é mergulhar em profundidade na análise do que o autor quis dizer; aí você enfrenta qualquer preconceito, mergulha na sua verdade, e se estimula.

Todo mundo deve ter dentro de si, de alguma maneira, um lado lúdico. Existem muitos recursos pra gente se estimular ludicamente: um livro, representar, entrar numa brincadeira... É importante a gente não se esquecer da brincadeira.

Odilon: Aliás, a palavra que define “interpretar”, “representar” do teatro, tanto no inglês, como no francês...

Eva Wilma: ... e no alemão também...

Odilon: ... é “to play”, é jogar, brincar. Então, o brincar, representar os personagens do nosso cotidiano, como eu estava falando, é uma atividade muito importante e a gente aprende muito com ela; o teatro, como atividade lúdica de aprendizado, de treinamento para habilidades amadoras, é extremamente importante e criativo. Tanto é que existem inúmeros grupos aí, inclusive eu conheço um lá no Rio que se

chama *Os Cabeças Brancas*, em que a maioria dos participantes é de gente mais velha, da terceira idade.

Eva Wilma: Mas é aí que você adquire a facilidade de mergulhar numa personagem, ou num livro, e sentir o lado lúdico; e, principalmente, não se levar a sério demais. Eu tive dificuldade com isso na minha vida. Bastante.

Odilon: Por que?

Eva Wilma: Ah... *(rindo)*, sei lá...

Odilon: A educação era um pouquinho rígida, tinha as mensagens dos pais falando...

Eva Wilma: Não foi nem por causa de mensagem dos pais, acho que da própria sociedade. Na época em que eu enfrentei o lado de ser bailarina clássica e atriz, existia preconceito contra isso. Há setenta anos atrás, existia. Meu primeiro grande amor, meu primeiro namorado – outro dia encontrei-o por acaso, ele está tão feio... *(risos)*. Mas na época eu achei que ele sentia a mesma coisa que eu, que eu sentia a mesma coisa que ele, e eu não sabia direito o que foi que nos separou; só depois eu compreendi: era a realidade econômica de cada um, porque ele era de uma família importantíssima, o pai criou coisas sensacionais, e a família dele foi contra: “Imagine, namorar com uma menininha aí que quer ser bailarina, que quer ser atriz... quem é ela? filha de quem? Ah, é, de um alemão com uma argentina, judia, o que é isso, nem pensar!” ... Então, preconceito. Eu nunca esqueci isso. Encontrei com ele outro dia, a gente conversou longamente sobre isso, e ele acabou explicando o que era que aconteceu, que o pai era uma figura muito poderosa, no bom sentido mesmo, mas quis dominar a vida dos filhos e escolher quem eles deviam namorar ou não.

Odilon: Você falou do preconceito. Preconceito é um tema importante, para quando a gente fala sobre esse reinventar-se. A gente sofre muitos preconceitos na vida. *(Para a plateia):* Quem aqui já sofreu algum preconceito, levanta a mão. *(vozerio na plateia)*. Uau...

Eva Wilma: Desculpa, Odilon, mas aí que entra o que eu quis dizer. É não se levar a sério demais e jamais perder o humor. Encontrar o lado lúdico das coisas.

Plateia: Mas quando a gente é criança ou adolescente, a gente não sabe dessas coisas... sofre muito preconceito...

Odilon: Sofre muito preconceito... bullying... o preconceito pode ser racial, pode ser de gênero, pode ser religioso, econômico, físico, por alguma deficiência, ou seja, há uma diversidade. Isso nos leva a uma outra questão que eu acho importante, que aparece bastante quando a gente vai amadurecendo, que é a reflexão sobre esses caminhos. Dalai Lama tem uma frase maravilhosa em que ele diz que quem vive demais no passado, vive magoado: agarrado às coisas do passado, magoado com as

dores, com as culpas, lá lá lá... ; quem vive demais ligado ao futuro, ao que vai acontecer amanhã, vive ansioso, porque a gente não sabe o que vai acontecer; só podemos ser felizes se nós vivermos hoje, aqui e agora.

Eva Wilma: Justamente por isso eu estou querendo enfatizar a questão do humor, a questão de você saber não se levar a sério demais, perceber que existe em todos os seres humanos algo com o que você vai conseguir se relacionar...

Plateia: Dar risada de você mesmo, em alguns momentos.

Eva Wilma: Também, também...

Odilon: Você viver aqui, agora, você não ficar trazendo as sombras do passado sombrio...

Eva Wilma: E jamais perder o humor! Jamais! Não se levar a sério demais. Isso neste momento não é fácil, gente, a situação em que vive nosso país... (*risos*)... nós estamos discutindo aqui o sexo dos anjos, não é, acontece que a gente tem que saber cada vez melhor das coisas, se informar muito, ter consciência do que está acontecendo no nosso país. Eu sonho com uma solução, quem não sonha com uma solução para o país? E se interessar, se manter interessado, mas jamais perder o humor, jamais deixar de encontrar o lado bom da vida.

Odilon: E a espiritualidade, o que tem a ver com isso? Como é que você enxerga a espiritualidade, ou a religiosidade, como é que ela é na sua vida, o que ela representa?

Eva Wilma: Eu acho muito importante. Acho muito importante a espiritualidade. Você tem que acreditar em alguma coisa. Outro dia a gente estava falando sobre longevidade, e eu citei: “Meu Deus, eu não vou acabar, tenho cinco netos, sensacionais, eu tenho dois filhos, maravilhosos, eu posso levar meu lado de humor e de brincadeira com meu neto mais novo numa boa”... então, eu acho que isso tem a ver com espiritualidade mesmo, você acreditar que existe algo que nos conduz a mais.

Odilon: Algo além da nossa vã filosofia...

Eva Wilma: Exatamente.

Odilon: Eu, como espiritualista que sou, espírita que sou, eu acredito na permanência do espírito; que não existe fim. Eu penso, como todos os espiritualistas acham, que se não fosse através deste processo de retorno, através das reencarnações – é uma opinião, uma crença daqueles que acreditam nisso - não haveria possibilidade do desenvolvimento, da evolução do ser; se estivesse cada vez renascendo novos, novos, novos, como é que chegaria a ser um Einstein? Se é

sempre novo, se é sempre novo? Se a gente não traz bagagem? E se a gente faz uma reflexão sobre nós hoje, mais velhos, com a bagagem que a gente tem hoje, é possível chegar a conclusões assim como você está chegando, com essa tranquilidade que você fala, com essa vivência, com humor, com uma vida bonita como você se coloca na vida, porque você se coloca assim, é porque tem algo dentro de você, no teu âmago, no teu ser, no teu espírito... eu acredito nisso. Você acredita em algo assim, como é o exercício da sua religiosidade...

Eva Wilma: Eu acredito...

Odilon: Tem mãe judia, ou pai?

Eva Wilma: Mãe judia, pai cristão, católico, praticante...

Plateia: E alemão...

Eva Wilma: Alemão!... *(risos)*.

Odilon: Como é que foi essa coisa da religião na família?

Eva Wilma: É engraçado... Esse lado alemão do meu pai era extremamente humano. Naquelas noites musicais em que nós nos revezávamos ao piano, e cantando juntos, a maneira com que ele se expressava artisticamente era muito forte. Não sei se é coisa de pai, eu disse sempre que o pai é o primeiro grande amor na vida de uma mulher – sempre é, a gente precisa saber disso – com as consequências que tiveram da relação, tem que saber como é que foi essa relação de filha com o pai. Mas eu acho que a espiritualidade é imprescindível. Imprescindível... principalmente para manter o humor. Ah, eu vou morrer... vou morrer nada... e se morrer, morreu, e daí?

Odilon: Todas as religiões acreditam na permanência da alma. Todas. Elas diferem no que acontece, para onde a gente vai, o que a gente faz. Mas todas as religiões acreditam que o espírito permanece. Muito bem, então existe um conceito aí. Sendo assim, eu lhe pergunto agora, aproveitando a presença dos psicólogos aqui: e o processo terapêutico? Você já fez terapia alguma vez? Acha importante?

Eva Wilma: Ah, já fiz, sem dúvida! Muito importante! Muito!

Odilon: Num nosso outro encontro *(referindo-se à participação na 1ª. Feira da Longevidade em São Paulo, num painel da Unimed Seguros, há duas semanas atrás)* eu contei que uma atriz colega nossa, Beatriz Segall, me falou que estava fazendo terapia; ela tinha oitenta e cinco, ou seis, ou sete, não lembro, e eu achei maravilhoso; nunca tinha pensado nisso... “Terapia com oitenta e sete?!” Olha o preconceito! E bem eu que sou espírita... se você acredita na sua imortalidade como ser, se você tratar do seu psíquico, da sua persona, você está tratando do seu

espírito. E com isso ela me inspirou a escrever essa peça, *A Última Sessão*, que tinha um fundo todo voltado para a terapia.

Eva Wilma: E se junto com isso você se entrega às histórias, como eu estava citando a questão dos livros, é esse mergulhar na criatividade, na inspiração, que te conduz à espiritualidade, e também ao humor. Eu não sei se estou errada... eu sempre tive muita dificuldade em manter o humor, sempre. Hoje em dia eu aprendi. Aprendi que chega o momento em que você tem que dar risada...

Odilon: Você era brava?

Eva Wilma: Eu era. Muito brava, eu me levava a sério demais Talvez eu ainda esteja aprendendo, mas eu vou perseguir isso, enquanto eu estiver viva eu vou perseguir não me levar a sério demais, e não perder o humor da vida. A brincadeira, o lado lúdico. Quanto maior a consciência da dureza da nossa realidade, quanto maior o conhecimento do sofrimento de tudo isso, e quanto você puder, mais você tem que alimentar em você o lado lúdico; perceber o que é sério, socialmente falando, como é o fato de eu estar aqui querendo me comunicar com vocês, isso importa. Mas não levar a sério demais nada. Diz assim: “Ah, eu falei besteira!” ... falei besteira, e daí!

Odilon: Agora – me perdoem os psicoterapeutas, os psicólogos aqui presentes – dentro da Psicologia, existe o que chamamos de um lado sombra. A comparação é feita em geral com um *iceberg*: o que aparece acima do mar são dez por cento do tamanho dele – que é o consciente; nosso inconsciente é aquele *iceberg* gigante que está escondido, é setenta ou oitenta por cento, que é nosso inconsciente. Esse inconsciente é o nosso lado sombra... no qual a gente não gosta de mexer, mas que a gente tem que aprender a lidar com ele. Todos nós, de todas as religiões, chega uma hora em que a gente fala assim: “A luz... vamos para a luz... a luz... a vida é luz... Deus é luz...” mas, quem é que lida com esse lado sombra? Enquanto a gente não aprender a mexer com esse lado sombrio da nossa personalidade, reconhecer quais são os nossos demônios internos, aprender a lidar com esses demônios: culpa, medo, mágoa..... ou irritabilidade. Aliás, esse demônio aparece muito quando a gente está na fila de banco, não é? (*Risos*). No trânsito... aquela irritabilidade...

Plateia: Em reunião de condomínio... (*Risos*).

Odilon: É... Você lidou com sua sombra?... pelo jeito que você está falando, você era muito brava...

Eva Wilma: O tempo inteiro...

Odilon: Você trabalhou um aprendizado, não é? Lidando com esses lados...

Eva Wilma: É. Eu comecei a mexer pra valer com esse lado quando eu fiz terapia de grupo. Há bastante tempo. Aprender a reconhecer o problema dos outros e perceber

o quanto é pequeno o seu problema em relação ao dos outros. A gente nem está falando do problema econômico no momento, que é uma desgraça total, enfim...

Não sei se estou fugindo do assunto... com esse mundo tecnológico, de computador, de celular, etc, eu não consigo abrir mão de ler o jornal-papel, (*vozerio*) e não quero conseguir, não quero deixar de ler, mas existe esse perigo, eu enfrento esse perigo sempre. E não desisto de ler livro! Isso tem a ver com o que se faz numa boa terapia: mergulhar nos seus problemas e em todos os seus lados escuros. É por aí.

Odilon: Muito bem. (*Para a plateia:*) Alguém quer fazer alguma pergunta?

Plateia: Eu entendo muito bem esse assunto de trabalhar a sombra. Outro dia respondi a uma pergunta do meu neto: “Vó, você se gosta mais agora ou mocinha?” Disse: “Olha, a vovó se gosta mais agora”. Porque eu perdi essa camada, eu aceito trabalhar a minha sombra, eu falo o que eu quero na hora em que eu quero, eu me aceito melhor pela idade; eu consigo ser mais cômica, e ter um monte de coisas que eu não tinha por causa de preconceitos...

Eva Wilma: Então, a gente tem que reconhecer que isso é importante, e detectar dentro de si os preconceitos, as amarras; detectar... e dar risada disso. Não perder o humor, o lado lúdico.

Plateia: Nós somos a primeira geração que está passando por tudo isso. Você acha que a próxima geração vai ter esses mesmos problemas? Como é que você vê seus filhos, seus netos, encarando a velhice?

Eva Wilma: Eu imagino que vai ter, eu acho que isso é do ser humano, o constante questionamento é um processo infinito...

Plateia: Outros conflitos virão para as próximas gerações...

Eva Wilma: Por isso que cada vez mais é preciso não perder o humor e perceber que não dá para se levar a si muito a sério demais.

Odilon: O próprio velho também... quando ele assume o papel de “velho velho” - não de “novo velho”, mas de “velho velho”, que já sabe tudo, que não tem que aprender mais nada; temos que tomar cuidado para não acontecer isso.

Maria Celia: *Pedindo licença para interromper, oferece como lembrança para Eva Wilma e Odilon os produtos gráficos do Ideac; para a plateia, faz o sorteio de: Calendário dos Afetos, Calendário das Finanças, Conta Essa, Vó, Conta Aquela, Vó, Enquetes, Rodas de Aprender do segundo semestre de 2018, Rodas de Aprender do primeiro semestre de 2019, e um livro Andanças pela Europa: 1927. (Aplausos e risos a cada sorteio).*

Eva Wilma: O Jorge Julião tem que falar de novo (*referindo-se a um dos sorteados, Jorge Julião, que ao receber o presente falou sobre peça de teatro que ele dirige com um grupo da maturidade, e que está em cartaz*), não deu para ouvir.

Jorge Julião: Estou com uma peça em cartaz só com atores acima de sessenta anos. Tenho uma senhora de noventa. É um grupo que existe há vinte anos, aqui em São Paulo. Começou com seis participantes, com o Zé Renato, um grande diretor de teatro, que trabalhou com a Eva Wilma também. Aliás, ela já foi lá falar com o grupo. Hoje são setenta e oito pessoas, organizados em quatro grupos, que fazem teatro trabalhando o lúdico o tempo todo.

Odilon: Como é o nome da peça?

Jorge Julião: “Enquanto Houver Canções”. No Teatro Comune. Rua da Consolação 1218.

Eva Wilma: É aos sábados e domingos. Às 16:30!

Jorge Julião: Obrigado! (*Risos. Aplausos*).

Odilon: Muito bem. Vamos abrir agora estes minutinhos finais para perguntas que vocês queiram dirigir a Eva Wilma. A nossa Vivinha.

Plateia: Quando você mergulha para criar um personagem isso gera de alguma forma alegria, dor, uma série de sentimentos. Mas você busca o lúdico, a brincadeira. Por outro lado, você vê o trabalho como uma coisa séria. São dois comportamentos diferentes. Conta pra gente alguma coisa a respeito.

Eva Wilma: O lado profissional, esse trabalho do ator, do diretor, trabalho teatral principalmente, esse tipo de criatividade, tem um paralelo até com psicólogos: a gente mergulha fundo nessa análise, a gente analisa tudo de cada personagem. Mas, provavelmente, quanto maior o seu conhecimento de si mesma, mais sábia você vai ficar, e não vai ficar influenciada por nada daquilo que compõe o seu personagem; você só vai ganhar mais experiência.

Você, pessoalmente, não vai ficar influenciada pelo problema da personagem; você vai ficar entendendo o que o autor da peça quis dizer com aquilo. Cansa. Só cansa. Um cansaço muito grande, porque é uma entrega; a profissão do ator é uma entrega muito, muito... talvez até por causa disso a gente tenha mais humor, sabe? Porque saiu de lá tudo de mentirinha... (*risos*); eu estou brincando, mas, não, não tem perigo.

Existe o perigo de misturar trabalho com vida pessoal para quem não estiver amadurecido, para quem estiver precisando muito de mergulhar na psicanálise, na terapia, e conseguir se conhecer bem. E quando se faz essa mistura, o trabalho não sai bom.

Odilon: A gente empresta as características dos personagens, e traz para a gente. É uma técnica: depois que sai de lá, você larga aquilo, elas não são mais suas. Agora, quando você compra aquilo tudo e assume para você, você fica doido, né... tem que viver muitas vidas que não são suas.

Eva Wilma: Dando um exemplo. Me perguntam muito como é que eu escolho. Eu não escolho nada. Mandam para mim um texto, eu mergulho nele, pra ler pra valer o que o autor quis dizer, no texto todo, não só na personagem que estão me oferecendo. Dependendo disso, falo: “Vou fazer”. Ou então não faço.

Plateia: Qual será seu próximo trabalho?

Odilon: Ah! Agora chegou a parte boa! (*Risos*). Então, a Vivinha, que... balé, a música importante, mais de sessenta espetáculos, espetáculos importantíssimos, lá lá lá... e agora, a gente fala assim: “Nossa... Vivinha... está com oitenta e seis anos... vai fazer peça de velhinha... ela mesma falou aqui : ‘ah, sempre tem um papel de velhinha para fazer na televisão...’ ... conta o que você vai fazer, Vivinha!!!

Eva Wilma: É, é... acho que foi assim mesmo que eu comecei o papo de hoje, foi por aí que eu comecei... falei na Inesita, falei muito no caso da minha mãe, que embora a nossa situação econômica fosse uma catástrofe, não abria mão das minhas aulas de piano, de violão, de canto, de balé... e de línguas também: inglês, francês etc e tal, que me permitem até mergulhar um pouco melhor na literatura... eu comecei falando sobre essa questão porque (*rindo*)...

Plateia: O que você vai fazer agora?

Eva Wilma: Eu comecei a fazer isso pra valer, profissionalmente, há uns dois anos atrás. Eu nunca parei de cantar. Nunca. Pra mim mesma, em casa, intimamente... nunca. E não vivo sem música, não consigo viver sem música. É como eu disse: tem uma música dentro de mim. Resolvi por isso em prática, mais ou menos conduzida pelo meu filho, o caçula, que está com sessenta e um anos... (*Risos*).

Odilon: E que é músico.

Eva Wilma: Ele é músico. Depois de uns dez anos de observar bem a proposta dele, eu acabei reconhecendo o lado poético dele. Ele faz letras divinamente bem. Tem varias coisas que eu aprendi a dar valor, não como filho, não por ser mãe, mas porque ele tem talento. Acho que isso é hereditário: é uma doença que pega! A minha filha – que tem sessenta e três (*risos*) – é preparadora de atores, diretora, fez espetáculos teatrais, de balé, e tudo o mais. Mas então, resolvi cantar junto com ele. Comecei a tomar aulas: a minha voz estava meio ruim, precisava trabalhar a voz ...

Odilon: Quando você começou a fazer aula? Agora, é recente?

Eva Wilma: Não, não... eu acho que o tempo todo... eu comecei a perder a voz em trabalhos muito, muito incríveis. Tive o Zé Renato como formador, eu nunca perdi a voz, e tive um grande formador artístico que era Antunes Filho, que eu gosto de homenagear. Mas quando fiz um dos espetáculos mais importantes dele, eu perdi a voz. Estava com problemas sérios, pessoais, e não tive ocasião de trabalhar isso. Quando chegamos no Rio com o espetáculo, em um janeiro, fizemos os ensaios no teatro que estava em reforma, que tinha poltronas de veludo, e não puderam ligar o ar, pronto! Pifou a voz. Aí a gente puxa Deus sabe de onde, e estreia.

Uma grande atriz, amiga, Tonia Carreiro, foi no camarim e falou: “Você vai no meu médico amanhã, no meu otorrinolaringologista, que você vai ficar salva!” Eu fui. Ele disse a mesma coisa que já tinham dito os médicos daqui de São Paulo, que era: operar as cordas vocais e ficar uns quinze dias sem falar, e aprender a falar de novo. Falei: “Muito obrigada”, saí, e segui a proposta de outro médico: tomar cortisona para aguentar o espetáculo. No Rio de Janeiro, quem foi assistir o espetáculo e veio falar comigo depois foi um médico, ator, Pedro Bloch. Ele falou: “Vem no meu consultório amanhã”. Desde aí, durante toda a temporada carioca eu fiz três vezes por semana relaxamento e buscava o lado bom das coisas.

Estou falando isso por causa do canto. Há uns três anos atrás, ouvindo o meu filho e as músicas dele, achei que devia procurar uma aula de canto, e encontrei um professor maravilhoso. É um rapaz, jovem, com mestrado, doutorado, toca piano, é musicoterapeuta também... Comecei a cantar mais no meu dia a dia, e acabei cantando com os dois, e então resolvemos mostrar isso para o público. (*Exclamações e aplausos*).

Odilon: É um concerto...

Eva Wilma: É um recital. Um show. O que quiserem. Quando a gente estreou, a gente colocou baterista, muito mais coisa. Foi um dinheirão. A gente perdeu dinheiro... (*Risos*). Agora somos um trio: o meu professor, William Paiva, fantástico, o meu filho muito talentoso e eu.

Odilon: Vai estrear agora em novembro?

Eva Wilma: Em novembro. No ano retrasado já nos apresentamos em tournée; agora nós vamos programar esse novo espetáculo, e o nome vai permanecer o mesmo: *Casos e Canções*.

Meu filho fala assim: “Mãe, aquela que você canta sempre!” e eu falo: “Lá vai!” “Mas você explica porque você canta?” “Ah, eu explico...”

Numa fase da vida, nos anos sessenta, no Rio de Janeiro, um produtor de espetáculo alojou a gente num tríplice da Dercy Gonçalves (não era tríplice do Guarujá, era da Dercy Gonçalves...) (*risos*) – que ficava perto do Beco das Garrafas. Quem que a

gente conheceu, quando saia do espetáculo e ia comer alguma coisa? Vinícius, Tom Jobim, Baden Powell, Carlos Lyra... E tudo o que aprendi, todas as histórias daquela época, eu conto entre uma música e outra; são o porquê de cada música. Assim é esse espetáculo.

Entrou uma música nova nesta fase agora; eu tinha ouvido a letra e adorei; começa com a minha fragilidade, a fragilidade que faz com que eu precise de um apoio, de uma terceira perna, de medo de levar tombo de novo. É do Almir Sater e do Renato Teixeira, e se chama *Tocando em Frente*. *(Manifestações da plateia, inclusive “vamos lá!”)*

Eva Wilma: *(Canta a música – plateia faz coro no último verso: “... de ser feliz”. Aplausos)*

Eva Wilma: Lá a gente canta a três vozes, com piano, meu filho com violão, aqui foi assim cru, mas foi um presente... do meu coração para vocês.

Odilon: Vai ser no Sesc Ipiranga?

Eva Wilma: Depois no Teatro Décio de Almeida Prado, que é na rua em que eu moro, e que eu sempre defendi o teatro ali, o prefeito anterior queria derrubar tudo aquilo, e está lá o teatro firme...

Plateia: Os nomes dos seus filhos?

Eva Wilma: Johnny Herbert Junior e Vivien Buckup.

Plateia: Você tinha três propostas: balé, teatro e televisão. O que a levou a escolher a televisão?

Eva Wilma: Eu falei, era uma questão econômica, era uma questão de ajudar meus pais, porque a guerra tinha acabado com a realidade profissional do meu pai, e eu percebi que tinha que ganhar a vida.

Odilon: O que a gente ouviu aqui hoje é uma aula de vida e da importância que a arte e a cultura têm na vida da gente. Quero compartilhar aqui uma estrofezinha que uma poetisa escreveu, que é muito linda, que demonstra como é importante a nossa conexão com a vida, com a arte, com a cultura. Diz assim: “Antes de uma criança começar a falar, ela canta; antes de começar a escrever, ela desenha; assim que consegue ficar de pé, ela dança. A arte é fundamental para a expressão humana”. A gente não deve abandonar nunca isso, e essa foi a mensagem que a Vivinha veio trazer nós. *(Aplausos)*.

Maria Celia: Os mais sinceros agradecimentos a Eva Wilma, ao Odilon. Acho que temos muito o que aprender com a sabedoria dos nossos convidados.

Estamos agora encerrando o projeto *Reinventar-se... sempre!* do Ideac. Tivemos, em quatro encontros, relatos preciosos dos nossos convidados, revelando como foram enfrentando crises e dificuldades, como foram se tornando melhores e mais fortes, enfim, como foram se reinventando a partir das circunstâncias da vida. Acho que esse é o segredo: reinventar-se! Com bom humor, com espiritualidade, e com muita flexibilidade. *(Dirigindo-se à plateia)* Muito grata à presença de todos vocês também.

(Aplausos, risos e manifestações animadas).
